

Estruturalismo e semiótica: aproximações entre Saussure e Greimas

José Petrúcio Farias Júnior*

Resumo: Propor-nos-emos, no transcórre desse artigo, discorrer sobre dois lingüistas preocupados com a questão do signo lingüístico, a saber: Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Algirdas Julien Greimas (1917-1992), os quais se debruçaram sobre a teoria da verificação do significado e colaboraram, guardadas as devidas proporções, para a organização, fortalecimento e dinamicidade do estruturalismo, como corrente do pensamento científico. Objetivamos, mais precisamente, delinear as contribuições de Saussure ao estruturalismo e verificar em que medida Greimas promoveu a revisão do pensamento de Saussure e produziu inovações, no campo das pesquisas sobre a manifestação do significado.

Palavras-chave: estruturalismo, semiótica, Saussure, Greimas.

Abstract: We propose, during this article, deal with two linguists worried about the question of the linguistic sign, such as Ferdinand Saussure (1857-1913) e Algirdas Julien Greimas (1917-1992), which they lean on theory of verification of the meaning and they help out with, respecting the singularity of each thinkers, to the organization, fortification and dynamization of the structuralism, as current of scientific thought. We intend, more accurately, outline the contributions of Saussure to structuralism and check in what measure Greimas organized the revision of the thought of Saussure and produced innovations, in the field of the researches about the manifestation of the meaning.

Key words: structuralism, semiotic, Saussure, Greimas.



* **JOSÉ PETRÚCIO FARIAS JÚNIOR** é Doutorando em História pela UNESP/Franca.



Ferdinand de Saussure (1857-1917)

1. Introdução

A discussão do instrumental teórico-metodológico representa, no meio acadêmico, uma etapa indispensável à fundamentação de qualquer trabalho científico. É comum encontrarmos estudos de iniciação científica ou, até mesmo, dissertações e teses que comportam incompatibilidades teóricas, ou seja, pesquisadores que relacionam no *corpus* teórico de sua investigação autores que apresentam abordagens interpretativas incongruentes.

Sabemos que um trabalho científico, para ser aceito entre os especialistas, requer uniformidade tanto no que diz respeito à coerência de pensamento entre os teóricos que atuam como referência para análise do objeto de estudo, quanto no que diz respeito à metodologia empregada em determinada investigação. Essa postura confere à pesquisa unidade de sentido e rigor científico.

Nossa preocupação, ao refletir sobre as bases do estruturalismo, como corrente teórico-metodológica, e seu desenvolvimento de Ferdinand de Saussure a Algirdas Julien Greimas a fim de que compreendamos quais

estudiosos podem ser considerados estruturalistas e quais as principais características dessa corrente do pensamento científico.

Diante disso, é possível correlacionar um estruturalista e um semioticista em um trabalho científico sem fazer algumas ressalvas quanto aos fundamentos teóricos de ambos? É pertinente aludir ao estruturalismo, em uma acepção geral, ou é necessário restringi-lo, dada à existência de estruturalismos, ou seja, diversas correntes sob a égide de princípios gerais que as unem, tendo como referência Saussure?

Essas indagações nos motivaram a estudar os teóricos supramencionados para que a particularidade de seus vieses interpretativos não seja negligenciada e para que possamos identificar outros estudiosos que apresentam a mesma perspectiva de análise, sem fazer distorções ou apropriações superficiais da teoria.

Dessa forma, no momento em que os princípios gerais do estruturalismo idealizado por Saussure ficarem claros em nossa pesquisa, entenderemos as aproximações e distanciamentos de Greimas em relação ao estruturalismo saussureano, no tocante ao processo de significação. Adicionado a isso, o contraste entre estruturalismo saussureano e semiótica greimasiana nos oferecerá as fronteiras dessas duas linhas de pensamento e colaborará para que nos posicionemos, em futuras investigações, acerca dos limites da corrente teórico-metodológica a que nos credenciamos, especialmente se optarmos pelo estruturalismo saussureano ou semiótica greimasiana, porquanto partimos do pressuposto de que a mistura de teóricos na fundamentação de trabalhos científicos decorre da pouca dedicação que os

pesquisadores delegam aos estudos sobre teoria ou à existência, em língua portuguesa, de poucos e superficiais manuais que tratam das implicações das diversas correntes teóricas que subsidiam as ciências humanas.

2. Semiologia, semiótica e estruturalismo: vieses interpretativos para o signo lingüístico

Influenciado pelo modelo lingüístico de Ferdinand de Saussure, publicado em seu *Curso de Lingüística Geral*, o estruturalismo se apresenta como método de investigação que pode ser aplicado a toda uma gama de objetos científicos e se fortaleceu, entre as ciências sociais, a partir do século XX. Além das ciências da linguagem, seus princípios são identificáveis em diversas áreas, tais como: na Antropologia, com Lévi-Strauss; na Psicologia, com Jean Piaget e Jacques Lacan; na Filosofia, com Althusser; na Sociologia, com Mauss, etc.

A publicação do *CLG*¹ ocorreu apenas após a sua morte, 1915. Mesmo com a publicação do *Curso*, suas idéias foram subestimadas pela academia de Genebra até 1927, momento em que foi imediatamente admitido entre os expoentes em Paris. Convém salientar que o *Curso* é resultado da compilação dos ensinamentos de Saussure, principalmente, na Universidade de Genebra, publicado, como dissemos, dois anos após a sua morte por dois de seus ouvintes: C. Bally e Albert Sechehaye. (HÉNAULT, 2006, p.21)

No que diz respeito ao desenvolvimento dos estudos sobre as ciências da linguagem, Saussure foi o primeiro pesquisador a se ocupar dos sistemas de signos, vertente analítica que ele chamou de *semiologia*. Suas assertivas

¹ Utilizaremos a abreviatura *CLG* para designar a obra de Saussure: *Curso de Lingüística Geral*.

foram sistematizadas mais tarde por Louis Hjelmslev (1899-1965)² e, em seguida, aprimoradas por Greimas, na década de sessenta, momento em que a lingüística do signo afirmou-se como a ciência da significação, isto é, *semiótica*. Importa-nos ressaltar que, atualmente, a semiótica, entendida como ciência do significado, se ramifica em duas tradições interpretativas: uma tradição européia continental, de formação estruturalista e formalista, na qual nos debruçamos nesse trabalho investigativo; e outra, pertencente à tradição anglo-saxônica, de inspiração meramente lógica e matemática, entre seus principais representantes, mencionamos: Charles S. Peirce, Charles M. Morris, Karl-Otto Apel e Habermas.

2.1. O projeto científico de Saussure e os aspectos gerais do estruturalismo

Ocupar-nos-emos do *Curso*, particularmente, com finalidade de investigar os termos em que Saussure pensou a ciência dos signos bem como verificar, no decorrer da exposição de seu modelo lingüístico, a construção dos princípios metodológicos do estruturalismo que influirá na abordagem investigativa de muitas ciências sociais, conforme sugerimos.

É preciso, inicialmente, reconhecer que o termo *semiologia* parece ter sido

² No tocante à visão estruturalista de Saussure no *CLG*, Nöth (1996, p.51) sustenta que a contribuição de Saussure à teoria geral dos signos foi de caráter menor, porquanto sua preocupação versou sobre a classificação da lingüística entre as ciências; nesse sentido, ele deteve um papel muito importante à lingüística, porém pouca atenção foi canalizada a questões tais como tipologia geral dos signos ou sobre os signos não-lingüísticos, tratamento teórico que será consolidado por seus sucessores. A pesquisadora não nega, no entanto, a influência de Saussure para heurística e para sistemática da semiótica.

cunhado pelo próprio Saussure no *Curso* para indicar a ciência geral dos signos, ainda não existente. (1986, p. 24)

Pode-se conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia Geral; chamá-la-emos de Semiologia. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. (...) A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 1986, p.24)

O fragmento nos oferece algumas inquietações relacionadas à definição de Semiologia e seu relacionamento com a Lingüística. Constatamos, inicialmente, uma hierarquia entre a *semiologia* e a *lingüística*, e ambas são ramos da Psicologia geral. Assim entendido, a Psicologia Geral se ramifica em Psicologia social e Psicologia individual. No interior da Psicologia social³, encontramos a Semiologia que subsidia, por sua vez, outras ciências, entre elas, a Lingüística e a Sociologia. Essa hierarquia, porém, não deixa de revelar a relação mútua de solidariedade existente entre essas ciências. Imaginamos que Saussure tenha

³ Nos termos em que Durkheim *apud* Hénault (2006, p.41) concebe, psicologia (individual) sempre designou a ciência da mentalidade no indivíduo, em oposição à psicologia coletiva que equivale à sociologia e, de acordo com a hierarquização das ciências em Saussure, acreditamos que a inserção da semiologia como vertente da psicologia coletiva tenha ocorrido pelo fato de Saussure (1986, p. 17-8) considerar a língua como produto de uma convenção social ou fato coletivo, uma vez que não há, em sua fundamentação teórica sobre o signo, declarações psicológicas.

pretendido alocar tanto a Semiologia quanto a Lingüística no rol da classificação das ciências com a intenção de legitimá-las como ciência.

Nesse aspecto, Hénault (2006, p. 05) acrescenta que Saussure terá sido aparentemente o primeiro teórico capaz de conceber uma razão de ser à inscrição da lingüística entre as *ciências duras*, tendo em vista o otimismo herdado, pelo lingüista, de Auguste Comte em relacionar as ciências psicológicas (psicologia, sociologia e, para Saussure, lingüística e economia) às ciências das leis. Nota-se, não obstante, que essa aspiração à cientificidade, isto é, à constituição de séries de fenômenos e leis científicas, apoiadas em uma metodologia explícita e objetiva para fundamentação das ciências humanas não estava presente apenas em Saussure, mas representava os anseios de estudiosos que possivelmente dialogaram com o lingüista, entre eles, salientamos E. Durkheim em *Regras do método sociológico*, de 1894; E. Goblot em seu *Essai sur la classification des sciences*, de 1898 e Naville em *La nouvelle classification des sciences*, de 1888, entre outros.⁴

Ainda no que diz respeito à hierarquia em que foram organizadas, averiguamos uma relação mútua de solidariedade entre a Semiologia e a Lingüística, já que as leis da semiologia geral são aplicáveis à Lingüística e esta, por sua vez, dispõe de um guia heurístico para elaboração da semiologia. Para Nöth

⁴ Segundo Triviños (1990, p.81), em princípio, o arcabouço teórico-metodológico do estruturalismo representou uma tentativa de aproximação entre as ciências naturais e as ciências sociais. Isso se torna mais claro no momento em que contrastamos as concepções metodológicas do conceito de estrutura com os métodos aplicados pelas ciências lógico-matemáticas.

(1996, p.20), foi precisamente este caminho que a semiótica estruturalista dos anos 60 seguiu na França e na Itália.

Tomemos o cuidado, nesse momento, de restringir nossas considerações sobre *CLG* ao estudo dos sistemas de significação, nosso objeto de investigação, em Saussure e não ao estudo da língua. Sendo assim, faz-se necessário aludir a seis enunciados essenciais, a nosso ver, para verificar os diálogos entre a semiologia de Saussure e o estruturalismo.⁵

(1) (...) o fenômeno lingüístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra. (SAUSSURE, 1986, p. 15)

(2) Os signos, embora sendo inicialmente psíquicos não são abstrações; antes associações ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua. (SAUSSURE, 1986, p. 23)

(3) A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. (SAUSSURE, 1986, p. 102)

(4) (...) o signo lingüístico é arbitrário. (SAUSSURE, 1986, p. 80)

(5) (...) cada termo tem o seu valor pela oposição aos outros termos (...) são os princípios constantes da Semiologia. (SAUSSURE, 1986, p. 104)

(6) (...) os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo,

mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. (...) Esses signos atuam, pois, não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa. (SAUSSURE, 1986, p. 136-7)

Com base no *CLG* e nos fragmentos acima mencionados, percebemos a utilização de um vocabulário que redundará nas bases do estruturalismo, a saber: *sistema, leis, paradigmas, totalidades solidárias, relações "sistêmicas", valor pela oposição*, entre outros, o que nos mostra os termos em que essa corrente metodológica se organizará bem como a abordagem interpretativa que se consolidará a partir dela.

No interior dessa discussão, chama-nos a atenção, em Saussure, o emprego do jogo binário – fundamento do estruturalismo – para a dinâmica de compreensão do signo que se compõe de *duas faces*⁶: *significante e significado*. Quanto à manifestação do significado, particularmente, Saussure se apóia na idéia de que a língua é um sistema, ou seja, conjunto de signos coordenados entre si de maneira a formar um todo, no interior do qual os signos incorporam valores semânticos a partir de relações lógicas específicas; definidas, logo de início, por sua diferença bem como por seu caráter antinômico que conferem vivacidade e singularidade ao signo lingüístico. Essas idéias do valor diferencial e oposicional do signo chegaram a ser centrais para o estruturalismo do século XX.

Isso nos permite afirmar, com base no pensamento saussureano, que as

⁵ Dispensaremos uma análise minuciosa de cada item por duas razões. Primeiramente, pelos limites estabelecidos para elaboração desse trabalho e, principalmente, pelo fato de que o *CLG* é bastante claro sobre essas noções; sendo, então, desnecessário parafraseá-lo.

⁶ Em relação à tradição diádica, Nöth (1996, p. 40) reconhece que desde os estóicos já se observa a dicotomia *semánon* e *semainómenon* e, na tradição latina, *signans* e *signatum*, como equivalentes aos *significante* e *significado* de Saussure.

estruturas pressupõem um sistema no interior do qual os elementos que o formam, definem suas particularidades, diferenciando-se dos demais em virtude das relações mútuas que exercem entre si. Em outros termos, acreditamos que um estruturalista, convicto dos aspectos centrais dessa corrente metodológica, defende que o significado de cada elemento do sistema só existe em relação aos outros elementos. Sobre essa questão, Terry Eagleton (2006, p. 142-3) sustenta que os elementos de um sistema não têm um significado *substancial*, apenas um significado *relacional*. Sendo assim, a complexidade dessa corrente de pensamento se relaciona, então, pela combinatória de seus elementos, uma vez que não há como mexer numa peça sem que as demais sejam reorganizadas.

Ferdinand de Saussure (1986, p. 153) reforça essa concepção ao declarar que o sistema é uma espécie de conjunto vazio que ganha sentido apenas no momento em que os componentes que o constitui, interagem entre si e, com base nessa interação, adquirem papéis diferenciados. Por essa razão, importamos advertir que, para os estruturalistas, em geral, apoiados na abordagem lingüística de Saussure, a totalidade da estrutura não condiz com a soma das partes e, sim, com a compreensão dos mecanismos de funcionamento das partes que se consolida por meio das referidas relações sistêmicas.

Sob esse prisma, os signos só fazem sentido dentro de uma relação sistêmica em que a língua – sistema - é constituída de elementos puros – signos – que se combinam e que asseguram, assim, sua homogeneidade. Tais assertivas nos remetem à idéia de anulação do indivíduo na condição de sujeito-agente, posto que a língua, assim como o sistema, é resultado de um

consentimento coletivo, porquanto o significado apresenta sua única razão de ser no uso e no consenso geral. Em virtude disso, o indivíduo é incapaz de fixar um valor semântico que seja. (SAUSSURE, 1986, p.132) Dito de outra forma, somos condicionados pela estrutura que nos envolve. A ótica, a partir da qual os sujeitos são investigados, limite-se, nessa corrente metodológica sob a influência das idéias de Saussure, apenas ao papel da *práxis* que ele exerce dentro do sistema.

Até esse instante, enfatizamos que os elementos de um sistema só ganham inteligibilidade no momento em que o colocamos dentro do sistema. É, então, dentro de uma relação sistêmica assentada em oposições binárias de caráter antinômico que os significados são atribuídos aos signos lingüísticos. Seguindo essa linha de raciocínio, os elementos ou signos, para empregar os termos em que Saussure pensou essa questão, só são compreendidos no momento em que o colocamos dentro de um sistema, o qual é percebido como uma estrutura estabelecida antes do indivíduo e escapa, por extensão, a ele. Nesses termos, deduzimos que a estrutura é um tipo de ação sem sujeito à medida que o sujeito só age porque suas atitudes estão previstas no sistema. Isso nos possibilita inferir que as transgressões ou desvios também não estão fora do sistema e, sim, são elementos previsíveis e reconhecíveis dentro dele. O caráter inovador do sujeito nada mais é do que formas impostas pelo próprio sistema. Assim entendido, permanece, no estruturalismo, a ideia de que a iniciativa humana seria limitada pelas estruturas – lingüísticas, mentais e econômicas, etc. – nas quais nos achamos inseridos. (VASCONCELOS, 2000, p. 108)

Outra característica da Semiologia de Saussure que colabora para a formação do estruturalismo versa sobre a rejeição da fala (*parole*), que se configura como uso individual da língua, em detrimento da língua, valorizada pelo lingüista, possivelmente, em razão de sua existência concreta. No que tange ao estruturalismo, essa rejeição pode ter se refletido no afastamento dessa corrente de pensamento ao *vivido – Dasein* – ou ao valor cultural do objeto sob investigação. Diante disso, entende-se que o referido método é analítico e não avaliativo ou interpretativo⁷.

Além disso, não podemos deixar de mencionar a preferência de Saussure pela sincronia e seu caráter anti-histórico, outro elemento que será peculiar ao estruturalismo. Parafraseando o próprio Saussure (1986, p. 97), não é possível descrever a língua, nem fixar normas – invariantes – para o seu uso sem nos colocarmos num *estado determinado*. Como se nota, a busca por permanências também se configura como um dos objetos do projeto científico de Saussure. Diante dessa perspectiva, cabe aos estruturalistas estabelecer as regras ou leis presentes entre os elementos que compõem o sistema bem como constatar os termos invariantes e as variações possíveis.

Por fim, retificamos que a arbitrariedade do signo, primeiro princípio de Saussure, a qual está semanticamente

associada à idéia de livre-escolha, é limitada pelo princípio suplementar de *imutabilidade*. (SAUSSURE, 1986, p.85-8) Queremos dizer, com isso, que a arbitrariedade também está submetida à convencionalidade do signo lingüístico, na medida em que a coletividade contribui para fixação do significado atribuído ao significante, conforme expusemos.

No interior desse contexto de construção das bases do estruturalismo e, por extensão, da elevação da Lingüística à condição de ciência, destacamos os esforços investigativos sobre a teoria da linguagem de Ferdinand de Saussure, pesquisador que influenciou e ainda atua como referência para o aprimoramento das teorias estruturalistas.

2.2. Do estruturalismo estático de Saussure ao estruturalismo dinâmico de Greimas

Obviamente, devemos nos posicionar sob uma perspectiva crítica em relação ao estruturalismo de Saussure. Alguns temas podem ser levantados e, de fato, serviram como referência para que o paradigma semiótico proposto pelo lingüista fosse repensado. A primeira crítica se dirige ao estruturalismo estático, visto que ele não conseguiu estabelecer um ponto de equilíbrio entre as próprias dicotomias que referendaram seu sistema semiológico, entre elas, sincronia e diacronia ou mutabilidade e imutabilidade, isto é, a visão polarizada com que se posicionou em relação a um ou outro aspecto, engessou suas considerações teórico-metodológicas. (NÖTH, 1996, p. 47) Adicionado a isso, justificamos essa tendência interpretativa em Saussure pelo uso dos vocábulos *crystalização social* e *tesouro* para se referir ao funcionamento da língua. (SAUSSURE, 1986, p.21)

⁷ Salientamos, dado o exposto, que o estruturalismo não se constitui como abordagem interpretativa, ou seja, os estruturalistas são antiinterpretativistas o que afasta do campo de investigação dos estruturalistas as experiências individuais, vivenciadas pelos autores, no momento de produção do discurso; aspecto contemplado pelas teorias influenciadas pela corrente hermenêutica que se opõe, por esse motivo, à vertente estruturalista.

Em segundo lugar, salientamos a insuficiência do modelo diádico do signo lingüístico que não leva em consideração a maneira individualizada com que cada sujeito internaliza o signo. Por exemplo, diante do signo *mãe*, é possível que cada indivíduo de uma sociedade o represente, mentalmente, de forma diferenciada, uma vez que a representação mental que fazemos do signo, isto é, o *referente extralingüístico*⁸ tem uma relação estreita com nossas experiências individuais e esse aspecto não foi considerado por Saussure no processo de significação. Dessa forma, dizer que o significado atribuído aos signos é produto de uma convenção social torna-se insuficiente, porque não valoriza os processos individuais de cognição.

Destacamos, ainda, a preferência saussureana pela língua escrita e sua negligência para com a língua falada. Verificamos, diante disso, a necessidade da substituição do estruturalismo estático, idealizado por Saussure, por um estruturalismo dinâmico, tal como se verifica em Greimas que, a partir do fim dos anos 60, se inscreve no exato prolongamento do projeto semiótico saussuriano, na medida em que elabora o primeiro *modelo* semiológico, o quadrado semiótico, por intermédio de notações de feições algébricas.

2.3. Greimas e seu projeto científico de uma semiótica narrativa do discurso

Indubitavelmente, Greimas foi um dos semioticistas que permaneceu mais fiel aos princípios da análise estrutural. De Saussure, recuperamos a ideia de estrutura como espaço das diferenças, dos princípios de oposição binária e da pertinência dos signos ao sistema lingüístico, porém ele chegou à teoria

do signo e do processo de significação por um percurso pessoal e atípico, de tal forma que seus estudos se tornaram o núcleo de uma escola semiótica, a Escola de Paris. (NÖTH, 1996, p.161) Em 1966, com a publicação de *Semântica Estrutural*, Greimas deu início à divulgação de seu projeto semiótico cujo objetivo é a análise semântica de estruturas textuais.

Diante desse objetivo, o lingüista pretende deslocar o objeto da lingüística, que se constitui de três estruturas: superficiais, isto é, estrutura organizacional do discurso; frásticas, ou seja, análise dos constituintes das frases e interfrásticas, ou melhor, estudo fundado no reconhecimento de que o discurso é regido por todas as espécies de regras lógico-semânticas que escapam da estrutura organizacional da frase; para as *estruturas transfrásticas*, que asseguram, em um nível mais profundo, a coerência discursiva. (GREIMAS, 1975, p.126) Para isso, Greimas propôs, particularmente com a publicação de *Sobre o sentido*, como modelo semiótico da constituição do texto, a trajetória gerativa, que consiste em realizar leituras de determinada produção discursiva, em níveis graduais de profundidade e complexidade, cada um contendo um subcomponente sintático e semântico. Greimas & Courtés advogam que toda a trajetória descreve estruturas que *governam a organização do discurso anterior à sua manifestação numa língua natural dada*. (NÖTH, 1996, p.167)

No nível profundo de análise textual ou transfrástico, objetivo último de sua semiótica narrativa, em que aparecem a semântica e a sintaxe fundamentais, Greimas aconselha a aplicação do *quadrado semiótico* a fim de que o pesquisador possa apreender as categorias elementares do discurso,

⁸ Termo cunhado por Greimas (1976, p.20).

assentada em uma relação lógica de oposição. (1975, p. 127) Nele, a estrutura elementar da significação se apóia em três relações semânticas: *contrariedade*, *contradição* e *implicação simples* que atuam no interior do sistema lingüístico.⁹ Feitas essas considerações, acrescentamos que o quadrado semiótico simboliza uma representação visual da articulação lógica de uma determinada categoria semântica.

O conjunto lógico estabelecido pelo *quadrado* de Greimas, apreendido fora de todo campo de sentido particular, consolidava e explicava, provavelmente pela primeira vez, no campo das ciências humanas, uma estrutura autêntica. Assim ao organizar uma teoria do discurso que representa, na verdade, os reflexos de sua *práxis*, de acordo com todas as injunções de Saussure, a semiótica assegurava a coerência de seus conceitos operatórios.

Como se observa, o projeto semiótico de Greimas (1975) apoiado no quadrado semiótico, exibe muitas aproximações com a análise estruturalista de Saussure, entre elas, salientamos a compreensão da estrutura semântica do discurso em *categorias sêmicas binárias*, a importância do *traço diferencial* para o estabelecimento do valor do signo. Além disso, Greimas também sustenta que as significações não existem como elementos autônomos, mas somente por relações opostas; assim, a origem da significação é definida como uma relação elementar formada pela diferença entre termos semânticos.

Adicionado a isso, para Greimas, a estrutura semântica também compreende o signo como produto de

duas faces interdependentes: o significante, pertencente ao plano da expressão, e o significado, ao plano do conteúdo. A diferença em relação a Saussure está na forma com que Greimas explica os mecanismos do processo de significação a partir da passagem do plano da expressão ao plano do conteúdo. Dito de maneira mais abrangente e no interior da concepção de Greimas, o mundo se estrutura para nós na forma de diferenças e oposições, tal como Saussure declarara, que se revestem de algumas particularidades em razão dos múltiplos olhares que os indivíduos projetam sobre o signo, tendo em vista as experiências humanas a que estão submetidos.

Acreditamos que essas breves reflexões possam instigar estudos mais aprofundados sobre as releituras do estruturalismo sob a ótica de novas teorias lingüísticas. Nesse sentido, a semiótica de Greimas pode atuar como excelente ferramenta a serviço da análise de discursos, todavia precisamos conhecer suas limitações teóricas a fim de que não extrapolemos os limites de nosso aporte teórico.

Referências

CARDOSO, C.; VAINFAS, R. História e análise de textos. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 375-400.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociólogo**. São Paulo: Claret, 2001.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOBLOT, Edmond. **Essai sur la classification des sciences**. Paris: Alcan, 1898.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Semiótica e as ciências**

⁹ Para mais informações sobre o quadrado semiótico, ver em Greimas (1975, p.126-43); Cardoso & Vainfas (1997, p.386-92) ou Eagleton (2006, p.142).

sociais. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitini. São Paulo: Cultrix, 1976.

HÉNAULT, Anne. **História concisa da Semiótica.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

NAVILLE, Adrien. **La nouvelle classification des sciences.** Paris: Alcan, 1888.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX.** São Paulo: Annablume, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo

Paes e Izidoro Blikstein. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. São Paulo: Atlas, 1990.

VASCONCELOS, José Antônio. História e Pós-estruturalismo. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira.(Orgs.) **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas: UNICAMP, 2000. p. 105-121.